anxa
91-B
6683

MUSEU

MACHADO DE CASTRO

NOTAS

COIMBRA
1916

2050

MUSEU

MACHADO DE CASTRO

NOTAS

COIMBRA
—
1916

RAZÃO PRÉVIA

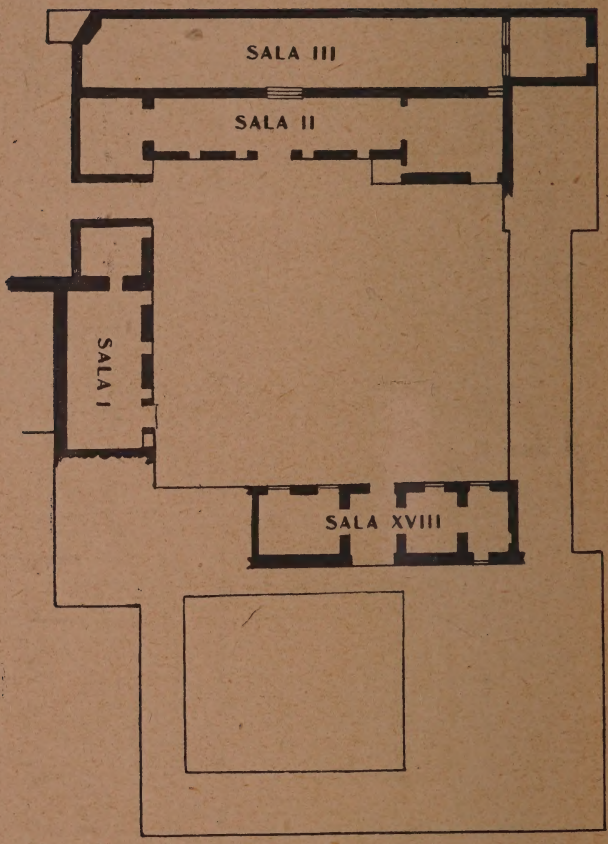
A arte, na acepção ampla, segue através as idades directrizes sinuosas, que, como todos os fenómenos da natureza, são determinadas por leis gerais resultantes das fôrças que sobre ela actuam: as ideas, os sentimentos, as crenças e as aspirações, etc., — em suma, a intensidade dinâmica das energias colectivas. E' por isso que os artefactos, em todo o vasto campo da arte industrial, são considerados como documentos históricos, autênticas e espontâneas demonstrações de civilização e do génio nacional.

Acordar no espírito do visitante, menos versado, a vaga intuição das transformações da arte portuguesa, em dadas fases do seu percurso, tal é o fim das escassas notas que vão lêr-se.

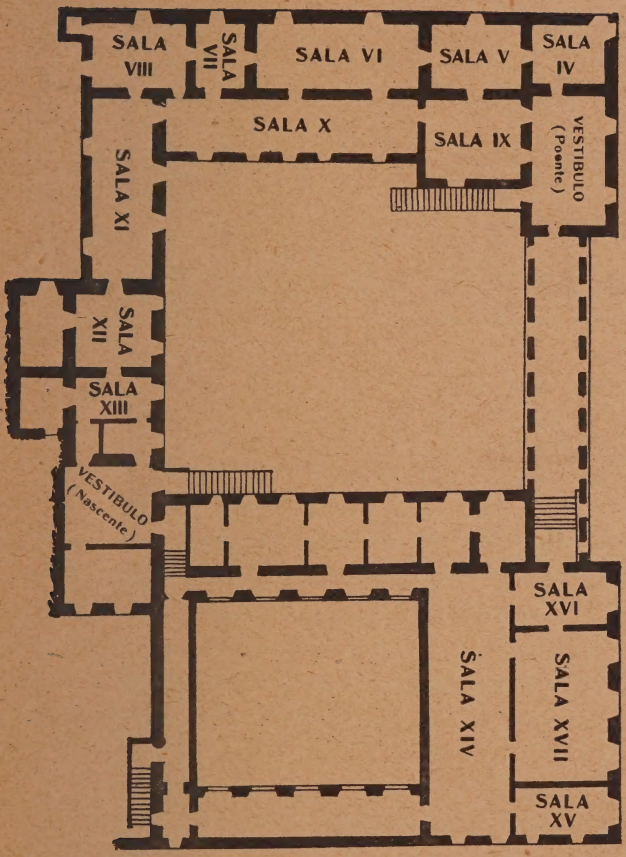
Se os olhos se recreiam na contemplação dos aspectos, formas e côres de alguns especimes, a assistência dêste modesto guia dirá, a propósito, uma palavra rápida de indicação àcêrca da época e importância que lhe deve ser atribuida.

E' certo que neste assunto ser breve e compreensivel é duas vezes dificil; mas uma escassa noção muitas vezes basta a despertar nos espíritos bem formados sensações adormecidas e imprevistas.

E assim, leitor benigno, antes esta elucidação, por demais succinta e curta, do que a loquacidade fatigante dum cicerone difuso e pertinaz.



RÉS-DO-CHÃO


SALA VIII
SALA VII
SALA VI
SALA V
SALA IV
SALA X
SALA IX
VESTIBULO (Poente)
SALA XI
SALA XII
SALA XIII
VESTIBULO (Nascente)
SALA XVI
SALA XIV
SALA XVII
SALA XV

1.º ANDAR

NO MUSEU

« MACHADO DE CASTRO »

Logo de entrada, suspendamo-nos por um momento a contemplar o conjunto e pitorescos acessórios das construções circunjacentes, duma arquitectura sóbria e impressiva, com a elegante arcada e galeria erguida em frente, — scenário sugestivo e honorífico, como convinha à magnificência dum príncipe da igreja nos fins do século XVI.

E comecemos a visita pelas salas do **rés-do-chão.**

SALA I (Rés-do-chão)

ÉPOCA ROMANA

Estas antiqualhas são, pela maior parte, exhumadas do extenso jazigo onde outrora assentava o *Castrum*, ou *Oppidum* de *Conimbriga*, hoje denominado Condeixa-a-Velha. Algumas outras, pouco numerosas, são de proveniências diversas, como indicaremos e se vê dos rótulos apensos.

Pela abundância e uso dos objectos encontrados em Conimbriga, pela grandeza de fragmentos de edifícios, de que são exemplo algumas bases e capiteis de respeitavel módulo, pela solidez das arruinadas muralhas, ainda existentes, que abraçam uma área de 570 metros de comprimento e 300 metros na maior largura, se reconhece que Conimbriga devia ter sido um centro de população e de movimento importante.

Veja-se na parede, à direita, o quadro representativo da planta da abandonada cidade, tendo indicadas a vermelho as excavações, até hoje realizadas.

Aqui se encontram fragmentos arquitectónicos, capiteis e bases de colunas, padrões comemorativos e sepulcrais; materiais de construção, tijolos lisos e moldurados de dimensões diversas; pesos de tear, de barro cosido; pedaços de revestimento mural; de pavimento rústico e de mosaicos sumptuários; utensílios domés-

·ticos; moinhos manuais; olaria de todas as espécies e usos e cousas miúdas de enfeite e curiosidade.

Fixemos alguns objectos mais notaveis.

Nas paredes, grandes porções de pavimentos em mosaico — *vermiculata pavimenta*. Um com a representação do labirinto de Creta, tendo ao centro a cabeça do Minotauro; e na cercadura, como ornamento, cruzes *patibulatas*.

Os outros são extremamente recomendaveis pelos elementos decorativos que reunem e pelo efeito da coloração.

Foram extraídos, como dito é, de Conimbriga; bem como a abundância de tijolos rectangulares e em forma de sector, para construção de fustes, pela maneira como se vê exemplificada — n.º 1.

E é de notar como num território, em que a pedra abundava, os construtores seguiam o processo tradicional, a que estavam habituados nas regiões onde ela não existia ou escasseava.

2 — Capitel e base de coluna, que decerto teriam feito parte de algum grande templo.

4 — Pede-se a atenção para êste pequeno esquema de telhado romano.

3 e 5 — Mós domésticas de triturar grão — *mola manuária*.

6 — Dois túmulos encontrados fora do circuito das muralhas. Um dêles é aberto em uma só pedra;

e o outro conserva ainda as travessas de ferro, para reforço das paredes. Guardavam ainda os esqueletos, e ao lado da cabeça lacrimatórios de vidro.

7 — Cabeça de estátua colossal, coroada de louros, escultura arcaica, infelizmente bastante deteriorada e fruste. Foi encontrada em Bobadela, concelho de Oliveira do Hospital.

8 — Torso de estátua de marmore, proveniente de Arraiolos, etc.

Para não falsearmos a imposição a que obedecemos de vêr depressa e sem fadiga, é escusado levar mais longe a enumeração singular das cousas.

Dentre os diversos monumentos de legendas mortuárias ou comemorativas, poucas serão mencionadas.

Sobresai o marco de Aurélio Rufino — n.º 9, — bem como os marcos funerários — n.os 10 e 11 — que contêm esculpidos utensílios que fazem crêr ser êste Caio Julio Materno e por ventura Cadio Cariano, escribas, ou talvez adstritos ao colégio sacerdotal (A. de Campos).

12 — A formosa lápide votiva de Cádio Cela, belamente moldurada e em boa conservação. Veiu de Montemór-o-Velho.

13 — E mais ainda uma inscrição comemorativa, documento de singular valia histórica, que confirma a conjectura, embora assaz demonstrada, de que a

actual Coimbra se chamava *Aeminium* nos tempos da dominação romana.

Sobre os armários vêem-se três ânforas. E dentro abundantes fragmentos de olaria: vasilhame; alguns vasos inteiros, alguns reconstituidos; peças e restos de todas as dimensões e barros diversos.

Nas vitrines em mesa, objectos miúdos e fragmentos de argila desde a mais grosseira à fina pasta saguntina; e lacrimatórios de vidro e barro; lucernas, etc., etc.

E, não passe despercebido o pé de marmore, de magistral perfeição, modêlo de estatuária romana da melhor época, que fêz parte duma figura, cuja altura não seria inferior a três metros.

Nos quadros, dentro dos mesmos armários: um punhal; uma espora, única de que os antigos faziam uso, ordinàriamente no pé esquerdo.

Pontas de dardos e lanças; pequenos objectos de enfeite feminino e alfaias miúdas; fibulas de cobre e ferro; instrumentos de trabalho, ferramentas e utensílios agrícolas; e três chocalhos curiosos, porque mostram a persistência histórica que ainda hoje conserva o mesmo tipo e forma.

SALA II (Rés-do-chão)

ÉPOCA MEDIEVAL

1 — Capitel de mármore de singular decoração. Tipo visigótico. Dizem que foi encontrado em Miranda do Corvo.

3 a 9 — Capiteis e bases que pertenceram ao edifício dos antigos *Estudos Gerais*, por D. Dinis estabelecidos junto aos Paços riais da Alcáçova.

2 — Coluna, contemporânea dos anteriores, retirada duma casa demolida, na rua Ferreira Borges. Século XIV.

14 — Ampla urna de pedra com inscrição, que diz haver sido ali sepultada *Maria Méndez, mulher de João Páiz, fallecida no anno de 1166*. Estava no Claustro da antiga igreja de Santa Justa.

15 — Outro túmulo mutilado, ultimamente encontrado numa parede da velha igreja de S. Cristóvão. Século XII.

13 — Tampa tumular com inscrição truncada. Duma sepultura aberta em edículo, na base da torre da igreja de S. Salvador.

12 — Urna preparada para receber relíquias dos mártires de Marrocos, prometidas ao Mosteiro de Lorvão, donde foi trazida. Na frente seis arcaturas abrigando figuras alusivas, apreciáveis pela expressão pitoresca dos gestos. Século XIV.

10 e **11** — Brasões que ladeavam um arco que suportava o této mudegar do côro da Sé Velha. Século XV.

16 — Capitel românico, procedente da capela-mór da igreja de S. Tiago. Século XII.

32 e **33** — Capiteis românicos da primitiva igreja do mosteiro de Santa Cruz. Século XII.

17 a **20** e de **22** a **25** — Série de formosos capiteis românicos e algumas bases, da igreja de S. Cristóvão, demolida em 1860. Século XII.

30 e **31** — Colunas dos antigos paços da Alcáçova, encontradas, há pouco, na demolição de alvenarias do edifício da Universidade. Século XII.

51, 57, 58 e **61** — Capiteis idênticos aos do claustro do mosteiro de Celas, onde foram encontrados. Século XIV.

49, 55, 56 e **60** — Grupo de diversas esculturas. Século XIV.

50, 53, 54, 59 e **62** — Capiteis românicos. Séc. XII.

29 — Pedra lavrada em cercadura. Século XII.

28 — Capitel mutilado com o escudo de Aragão entre dois leões. Século XIV.

27 — Algumas arcadas do pequeno claustro da igreja românica de S. João de Almedina, que existiu no local ocupado pela atual. Século XII.

21 — Coluna completa de mármore branco, descoberta dentro do recinto das muralhas de Montemór-o-Velho; e dois fragmentos de decoração de gêsso, que indicam ter feito parte dum sumptuoso edifício. Época árabe.

36 — Baixo-relevo, representando uma cabra cercada de ornamentos vegetais. Não é facil de conjecturar qual a aplicação a que fôsse destinada. Século XII.

90 — Fragmento lavrado, talvez duma cruz, segundo alvitra Aires de Campos. Época goda.

26 — Metade duma campa com figura de freira, provavelmente abadessa. Na orla superior lê-se: — *Aqui jáz a muito . . .* Do mosteiro de Lorvão. Século XIV.

Sobrepostos aos grandes capiteis vêem-se os mais interessantes modêlos da estatuária, de pedra, do século XIV.

34 — S. Miguel habilmente esculpido.

35 — S. Tiago.

37 — Imagem da Virgem amamentando o Menino, envolta em superabundante aglomeração de panejamentos.

39 — Imagem da Senhora do Ó, segundo a invocação popular. Escultura perfeita.

40 — Baixo-relêvo dividido em duas arcadas trilobadas. Numa a representação do Calvário; na outra a Virgem com o menino, doando a Santo Ildefonso a vestimenta de sacerdote.

41 — Santa Bárbara.

42 — Nossa Senhora com o menino, que aleita ao seio.

43 — A Virgem com o menino.

44 — Imagem dum Santo Bispo.

47 — Dois anjos, suporte ornamental de altar ou relicário.

45 — Alto relêvo representando o Calvário.

46 — A Virgem com o menino, propositadamente desbastada, para ser vestida de roupas naturais.

Não deixe de se observar a compreensão estética que tinham da elegância das atitudes os habeis artistas desta época.

Tudo isto são documentos preciosos para o estudo da arte num período de extraordinária actividade e florescência. A influência de D. Dinís, — *o rei trovador, o rei artista, o neto de Afonso o Sábio* », — como lhe chama Ferdinand Dénis, propaga-se benéfica e fecunda nas artes e nas letras e estende-se ainda por largo tempo, obedecendo a êsse admiravel impulso.

92 — Como exemplar de singular destaque, menciona-se o vulto imponente dum *Cavaleiro,* que ao fundo se vê, equipado para combate, empunhando a clava, com o seu escudo lisado, sobre ginete de farta gualdrapa.

Era assim, no seu invólucro ferreo, que êsses homens fortes se lançavam no fragor da peleja e derramavam o sangue em lances de audácia cavaleiresca, ou em campo cerrado, para lavar afrontas, ou à frente das hostes, para alargar as conquistas do território, ou defender a independência da pátria. E é assim que os vimos através dos séculos iluminados pelos rubros clarões da glória, da lenda e da poesia...

38 — Retábulo procedente duma capela da rua Pedro Cardoso, antiga *judaria*, representando a exaltação da hóstia eucarística, em desagravo dum temerário desacato, que se diz perpetrado por um judeu sacrílego. Tem a data de 1443.

É a lenda vulgar da profanação e respectivo milagre, que por muitas partes se repete.

Muitos outros objectos ficam sem referência porque é assaz o que apontamos, para não abusar da complacência do visitante.

Da epigrafia damos em resumido índice, a fórmula dos textos, alguns dos quais mereciam transcrição na integra.

63 — Pequena pedra com legenda funerária, referente a Sereniano, que morreu aos 4 anos de idade, em 541. Época goda. Foi descoberta próximo da igreja de Condeixa-a-Velha.

64 — Pedra com o dístico «*Mariae Virginis*», achada nos alicerces dum pilar da Sé Velha. Deverá ser muito anterior ao século XII.

65 — Epitáfio incompleto de Julião Páiz *chançarel* dos três primeiros monarcas portugueses, falecido em 1215. Achado nos entulhos do claustro da Sé Velha de Coimbra.

66 — Lápide funerária, em versos leoninos do presbitero Rodrigo, fundador da antiga igreja de Santa Justa, o qual se finou em 1155. Foi levada para a actual igreja da mesma invocação, onde se encontrava.

67 — Alguns pedaços do epitáfio em versos leoninos do bispo D. Egas Fafes, sepultado em túmulo, com estátua jacente, junto da porta lateral da

Sé Velha, falecido em 1268. Um dêstes fragmentos foi encontrado dentro do moimento de D. Vetaça; os outros fazendo parte de alvenarias demolidas.

68 — Legenda sepulcral do clérigo Simão Joanes, falecido em 1326. Estava junto da sacristia da igreja da Graça em Coimbra.

69 — Lápide epigráfica, que recorda o passamento de André Joanes, chantre da Sé de Coimbra, ocorrido no ano de 1345. Proveniente da Sé Velha.

70 — Inscrição pregoeira do falecimento, sucedido em 1191, de Felix Súrio, filho de Pedro Louzano, contendo trocadilhos e fórmulas precatórias reunidas. Encontrada nos entulhos da igreja de S. Tiago.

71 — Epitáfio encomiástico, em versos leoninos, das virtudes de D. Maria Fernández, abadessa do mosteiro de Celas, falecida em 1300.

72 — Pedra túmular de D. Mór Pérez e D. Maria Gonçálvez. Não tem data. Século XIV.

73 — Inscrição túmular de D. Honorico, sacerdote da igreja de Cantanhede, cuja morte, como claramente aqui se afirma — *foi agradavel a Deus e aos homens* — em 1282.

74 — Legenda memorativa da fundação da *Torre Quinária*, ou de *Hercules*, no Castelo de Coimbra, por D. Sancho I, em 1198.

75 — Padrão comemorativo da fundação da *Torre Nova* do Castelo de Coimbra, por D. Fernando, em 1374.

76 — Lápide de dificil decifração, enaltecendo, em belos versos leoninos, os altos méritos de D. Elvira López, abadessa de Celas, extinta no ano de 1285. Veiu daquele mosteiro.

77 — Inscrição lapidar referente ao falecimento de D. Pascásio Godins, deão da Sé de Viseu e cónego da de Coimbra, em 1285. Encontrada nas alvenarias do claustro da Sé Velha.

78 — Lápide funerária de Pedro Encino, presbítero, cónego da catedral de Coimbra, falecido em 1178, e de Miguel Pérez, subdiácono da mesma igreja, defunto em 1181. Achada nas demolições do claustro.

79 — Inscrição comemorativa da edificação da *Torre de Belcouce*, à Estrela, por D. Sancho I. Começada em 1209 e concluida em 1211.

80 — Inscrição sepulcral de João Padre, presbítero de S. Cristóvão, finado em 1169. Estava na parede da sacristia desta demolida igreja.

81 — Elogio funerário, altisonante, em verso leonino, de D. Teresa Raimunda, abadessa do mosteiro de Celas, finada em 1315.

82 — Lápide truncada, comemorando o óbito de Miguel Pérez, que à sua custa fêz sagrar a igreja de S. João de Almedina. Século XII.

83 — Lápide de aparatosa dição, outrora encimada pela figura da Sapiência que dizem estava colocada na casa onde se leram sciências no tempo de D. Dinís. Século XV.

84 — Inscrição sepulcral do presbítero Domingos Aparício, de Cantanhede, falecido em 1362. Devia ter pertencido a uma capela do claustro da Sé Velha.

85 — Legenda funerária de Gonçalo Díaz, deão conimbrigense, falecido em 1301. Era irmão do chanceler D. Julião.

86 — Pedra sepulcral de Pedro Afonso, falecido em 12.. Veiu da capela de S. João de Montemór-o-Velho.

87 — Dois fragmentos de inscrição tumular, que em tempo existiu no claustro da Sé Velha, onde são enfáticamente celebradas, em versos leoninos, as virtudes do mestre-escola Pedro, finado em 1281.

Passemos à quadra imediata:

97 e 98 — Duas campas com legendas truncadas.

94 — Fragmentos desligados duma urna tumular, decorada de arcadas, que contêm episódios da criação do mundo. Estavam empregados como material de construção numa parede da Sé Velha.

102 — Reprodução dum retábulo, que por muito tempo existiu na capela de S. João, às Lages, aros desta cidade.

101 — Reprodução da formosa lápide de bronze existente na igreja de Leça de Bailio, apregoando as virtudes de D. Frei Estevam Vásquez Pimentel. Século XIV.

Trabalho francês, segundo a opinião do sr. Joaquim de Vasconcelos.

93 — Frontal gótico, de gêsso, que estava assente por diante do túmulo do bispo D. Estêvão Anes, na capela-mór da Sé Velha. Século XV.

103 — Lápide funerária de Martúria. Século V.

95 — Quantidade de cabeceiras sepulcrais de forma circular e cruz inscrita — *stelas discoides*.

O uso dêstes sinais funerários é antiquissimo; e a maior parte dos que estão à vista são provavelmente godos. Outros porêm, pelos lugares em que foram encontrados, de supôr é que sejam de tempos muito posteriores.

SALA III (Rés-do-chão)

ÉPOCA DA RENASCENÇA

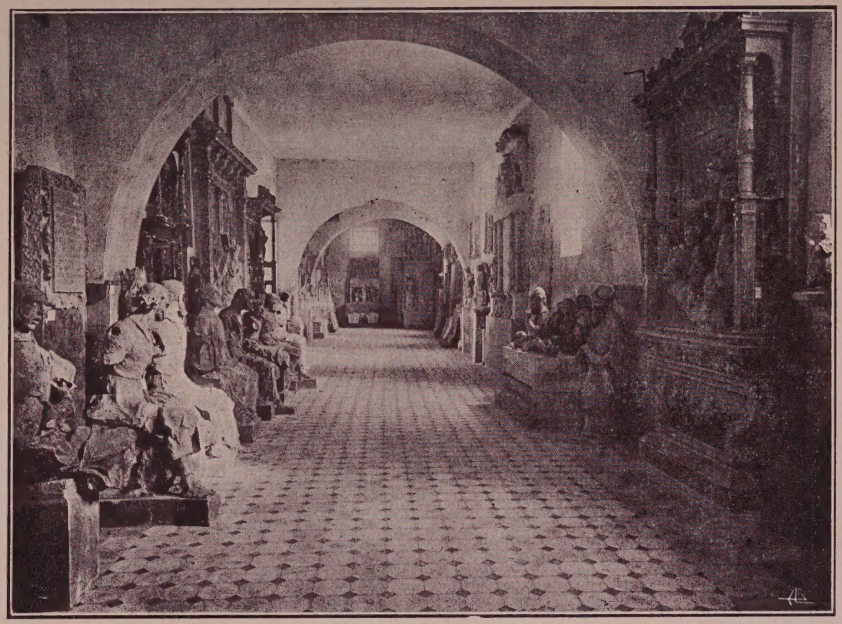
Ao entrar nesta sala a Coimbra do século XVI aparece ao nosso espírito em todo o brilho e prestígio da sua florescência artística.

A par das obras em completa integridade, foram também recolhidas pedras lavradas avulsas, que são membros desligados de largas composições, quase todas arrancadas ao abandono, dentre alvenarias demolidas.

E todo êste conjunto de elementos serve para certificar e engrandecer êsse admiravel acontecimento da implantação de uma escola de escultura, que aqui deitou raízes fundas e duradouras, porque encontrou terreno e clima apropriado à sua fecundação pujante. E com tão vigorosa seiva, que se mantêm apoiada nos seus dogmas fundamentais até depois do primeiro terço do século XVII.

De todo êste espectáculo ressalta a energia vivificante e a delicadeza amoravel, com que êsses magistrais artífices davam à rigidez da pedra a plasticidade e graça das mais belas concepções.

Para uma lição proveitosa, seria preciso observar com igual interesse todos êstes retábulos, predelas, dinteis, envasamentos, estátuas e peças decorativas: umas da mais genuína acentuação de estilo e outras



SALA III

das sequentes fases da sua larga existência. Mas como a verificação dêstes factos demandaria atenta e demorada visita, o bom critério do leitor, reparando nos rótulos explicativos e nas datas afixadas em cada uma das obras expostas, ajuízará ràpidamente da intensidade vital, do mérito e da fecundidade espléndida dessa expansão artística, que é uma das mais lídimas glórias que nobilita a cidade de Coimbra.

A um lado estão alinhadas grandes figuras de barro cozido, bàrbaramente mutiladas. São os restos sobreviventes da aparatosa representação da *Ceia Pascal*, que dentro dum largo edículo, aberto na parede, se admirava, ao fundo do amplo refeitório dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz.

O contrato existe. E' de 1530, pelo qual Duarte ou Udarte, *imaginário francês*, se obriga a executar — « *O passo da Ceia de Cristo com treze imagens, de grandura e natural de homens* » por 100 cruzados de ouro e um vestido de pano.

A obra famosa era motivo de legítimo envaidecimento para o mosteiro.

Em 1863 estas figuras foram despedaçadas e sepultadas nos entulhos, onde jazeram pelo espaço de vinte e sete anos!

Prosigamos.

19 — Retábulo incompleto: — a *Visitação*. Pertenceu à Misericórdia de Coimbra. Depositante, Dr. Teixeira de Carvalho.

14 — Retábulo de Santa Clara, proveniente do mosteiro do mesmo nome.

12 — Retábulo da *Via Sacra*. Do refeitório do convento da Graça.

11 — Retábulo de S. Miguel. Tem a data de 1538. Do mosteiro de Santa Clara.

90 — Retábulo de S. Gonçalo. Da capela do colégio de S. Tomás. Depositante, Dr. Teixeira de Carvalho.

80 — Retábulo da Visitação. Proveniente do convento de S. Marcos. Depositante, Dr. Teixeira de Carvalho.

57 — Agrupamento de figuras e fragmentos de retábulos destruidos, encontrados nas alvenarias do claustro da Sé Velha.

48 — Predela dum retábulo, com scenas da vida de Cristo. Do mosteiro de Celas.

43 — Retábulo incompleto, proveniente do mosteiro de Lorvão.

42 — Pequeno retábulo com o baptismo de Cristo. Do mosteiro de Celas.

41 — Scena da deposição no túmulo.

40 — Retábulo de S. Rafaél. Tem a data de 1580. Veiu do mosteiro de Santa Clara.

38 — Retábulo do Salvador. Do mosteiro de Santa Clara.

79 — Baixo relevo com um grupo de várias figuras. Presume A. de Campos ser a lápide que encimava a porta do Colégio de Todos os Santos, cedido à Inquisição.

74 — Estátua mutilada. Os sebastos da casula são delicadamente lavrados.

71 — Baixo relevo com a Senhora das Misericórdias.

55 — Emblema da *Ocasião*. Estava fixado no cunhal duma casa à Sé Velha.

34, 37, 58, 96, 95 e **94** — Fragmentos apreciaveis.

59 — Pia baptismal. Da igreja de S. Tiago.

49 — Brasão do bispo D. Jorge de Almeida.

46 — Brasão do bispo D. Afonso de Castelo-Branco.

Êstes dois escudos ladeavam a antiga fonte da Sé Velha.

As pequenas pedras brasonadas, que aqui se

vêem colocadas mais alto, serviam para indicar que as casas onde existiam eram foreiras à cidade.

Resta ainda uma curiosidade a notar: dois especimes de esgrafito, n.º 23. Um dêles foi encontrado num velho muro do paço episcopal.

68 — E ainda dentro do século XVI: paremos em frente da lápide comemorativa da reconstrução da ponte de Coimbra por D. Manuel.

E' um documento, que, como tantos outros, afirma um fenómeno curioso, que não deve passar despercebido. Não obstante o seu carácter aparentemente arcaico, esta escultura é contemporânea das belas obras que a defrontam. Uma é em *estilo manuelino;* as outras em *estilo da Renascença.*

Ora o facto extranho é êste: como é que duas seitas de artistas, trabalhando paralelamente no mesmo edifício, como em Santa Cruz, se mantiveram em completa autonomia, seguindo cada qual os preceitos em que foi educada, sem transigências, refractárias às sugestões das doutrinas e dos sentimentos alheios!...

Mais ainda: a par destas correntes de indole tão diversa, há a atender a uma outra derivada directa e normalmente do período dionisiano (séc. XIV) conservando a fisionomia íntima e tradicional, com as ligeiras modificações externas, de simples adaptação cronológica, como pode vêr-se nos exemplares notaveis dêste estilo, n.ºs 91 e 92.

Veja-se de passagem o pequeno Cristo no túmulo, n.º 85, duma espontaneidade tocante, duma simplici-

dade cheia de encanto e de génio. Póde atribuir-se aos fins do século XV.

E eis aqui como na compressão de alguns instantes, o visitante conservará a impressão geral do carácter e valor desta fertil e imaginosa Renascença coimbrã, dum tão luminoso engenho e cujas obras se espalharam pelos mais afastados pontos do país.

Subindo a escada do ângulo sudoeste, entremos no vestíbulo.

VESTÍBULO (Sudoeste)

1 — Ao centro a mesa de mármore com embutidos. Nas paredes os pequenos tapêtes persas do século XVI, de belos e vários desenhos e duma rica policromia, que o tempo atenuou, na suave harmonia dos tons. São provenientes do mosteiro de Santa Clara.

2 — Busto de mármore branco de Bento XIV. E' o próprio que foi oferecido pelo pontífice ao mosteiro de Santa Cruz, em comemoração da *Academia Litúrgica*, ali instituida sob os seus auspícios. Meados do século XVIII.

Notem-se os bancos de couro almofadado, em boa conservação — Século XVIII. E a pequena credência com rodapé de veludo e alamares. Tipo do século XVII.

SALA IV (1.º andar)

Muitos dos objectos aqui depostos mereciam uma observação detida; mas é mister abreviar.

12 — Tapête da Persia, de maiores dimensões, duma rica intensidade de côr e conservação perfeita. Século XVI.

10 e **11** — Dois tapêtes, designados de Arraiolos.

Esculturas em madeira:

4 — O grande crucifixo. Talvez do século XIII.

13 — Um santo bispo. Século XIII.

8 e **9** — Figuras do Calvário, dignas de serem notadas. Pena é que a parte superior do Cristo fosse ineptamente restaurada. Século XVI.

2, 3, 5 e **6** — Pequenas estatuetas dum raro mérito. Século XVI.

E entre elas duas, — 5 e 6, — que evidentemente pertenceram ao retábulo da Sé Velha, duma deliciosa feição gótica. Século XVI.

14 — Dois anjos do mesmo estilo. Século XVI.

18 — E, como peça sobrepujante, a magistral imagem de Santa Clara, duma execução admiravel de delicadeza e exuberância. Século XVI.

1 — Figura que representa um Profeta da antiga lei. É um exemplar de escultura manuelina *popular*, à qual corresponde, em arquitectura, uma arte inculta, mas cheia de energia e vitalidade, que abunda pelo país e é assaz conhecida.

16 — O retábulo da Natividade é um imaginoso quadro, cheio de movimento e de penetrante amenidade. Século XVI.

17 — Movel de finos embutidos, trabalho indiano. Século XVII.

SALA V (1.º andar)

Em primeiro lugar chama-se a atenção do visitante para o této desta sala, bem como para um outro, que adiante se verá. São produtos de carpintaria *mudegar*, e estavam à entrada da nave principal da Sé Velha, sob o côro que se estendia até ao pilar do segundo arco.

No antigo friso mal se divisava esta legenda: *Êste côro foi feito no ano da era* (sic) *de mil quatrocientos setenta e sete.*

Tapêtes de Arraiolos, duma tonalidade esmorecida e agradavel. 13 e 15, do Mosteiro de Santa Clara. 14 e 19, do Convento do Louriçal. 17 e 18, de conventos extintos e o n.º 16, é depositado pelo Dr. Teixeira de Carvalho.

A primeira vitrine contêm pequenas esculturas de barro, apreciáveis pela espontaneidade amorosa da modelação. Entre elas algumas figurinhas de presépio, que foi uma arte popular cultivada no século XVIII e no seguinte.

A representação do Presépio era tratada com incidentes e acessórios inesgotáveis de facécia, em ampla liberdade de realismo e irreverência. Os melhores artistas não desdenhavam o género com aprazimento e aceitação geral. E é por esta mesma estimação que se explica a dispersão e desaparecimento dêstes oratórios afamados pela perfeição e espírito dos episódios que continham.

SALA VI

A outra vitrine encerra esculturas de madeira, jaspe e marfim; e algumas antiqualhas miúdas, de variedade e apreço. Três pratos de latão, tipo do século XV, indústria flamenga, de que no país se fêz uma importação abundante.

Nas paredes um quadro com placas de devoção em bronze dourado.

Os pequenos objectos não especificados, cedidos por empréstimo, têm apensos os nomes dos depositantes.

Alguns móveis antigos bem caracterizados e cousas cuja discriminação não cabe nos moldes dum apontamento succinto.

A observação atenta do visitante saberá reconhecê-los, dispensando uma indicação especial, que, embora resumida, não poderia deixar de ser longa.

SALAS VI E VII (1.º andar)

FAIANÇA

Estas salas são especialmente destinadas à exposição da arte do barro esmaltado.

Junto à cimalha, dispostos em quadros, encontra-se um abundante mostruário de azulejos hespanhóis, mudegares, dos princípios do século XVI. Presume-se serem oriundos das fábricas de Sevilha. Alguns padrões são tradicionalmente árabes; outros de tipo genuinamente renascença; alguns outros de feição gótica, ou elementos amalgamados; todos, porêm, igualmente dum estranho e belo efeito decorativo.

Da mesma proveniência sobre uma das portas vê-se uma placa, um tanto deteriorada, com o brasão e divisa do bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida.

Na vitrine ao meio da sala, um pequeno vaso de barro cosido, merece um olhar atento e carinhoso. É conhecido de todos os amadores e citado pelos historiógrafos nacionais. Artefacto de apurada factura, duma sóbria e genuina expressão renascença. Tem três vezes repetida a data de 1558. Apesar de privado da base e da tampa, não é dificil de avaliar o gracioso efeito da sua integridade. Junto a êste estão os restos de outro do mesmo género e perfeição.

A importância desta colecção consiste não só na variedade abundante dos exemplares expostos; mas principalmente porque aqui se encontram peças de acentuado caráter, para a elucidação comparativa de quase todos os tipos da fabricação portuguesa.

Aqui se encontram elementos, para a idea geral dos processos predominantes dos recursos ornamentais e da capacidade estética, com que a fantasia dos artífices populares manteve o prestígio desta preclara arte industrial durante cêrca de dois séculos de actividade produtiva, duma fecundidade admiravel de espontaneidade, de inteligência, de ingenuidade e de graça.

Do conjunto há a destacar as numerosas e magníficas peças, pratos, potes e boiões, da cerâmica do século XVII, a todos os respeitos notáveis, e hoje desveladamente conservados, pela superioridade da factura, pelo seu esmero ornamental e pela sua raridade.

Êstes exemplares, na época considerados serviços de maior sumptuosidade, são verdadeiramente dignos de serem contemplados pela delicadesa e facilidade exuberante do desenho. Notem-se os pratos de *decoração chinesa*, obedecendo à pretensão imitativa, a seu modo, dos motivos da porcelana oriental e da pintura do charão, tanto em voga em instrumentos de música, caixas de relógios e mais mobiliário, desde os princípios do século XVII.

A procedência fabril dêstes produtos não se acha incontestavelmente estabelecida; sabe-se comtudo que são portugueses, facto durante largo tempo suspeitoso. E com boas razões se afirma serem enviados das fábricas de Lisboa.

Seria de instrutiva vantagem apontar à atenção e análise dos curiosos os exemplares singularmente recomendaveis, que aqui abundam; mas é forçoso restringir esta resenha. Por brevidade indicaremos em cada grupo e em primeiro lugar as peças marcadas, acompanhando-as com a designação da fábrica, localidade a que presumivelmente essas marcas devem ser atribuidas. E, em seguida a estas, mencionaremos as peças a que, pelas suas analogias, possa assinar-se com probabilidade a origem de fabricação.

Isto assente, passemos em revista a colecção.

GRUPO **A** — *Depositante: Dr. Teixeira de Carvalho*

PEÇAS MARCADAS

N.os	Marcas	Indicação das peças	Proveniência
10	V	Travessa	Viana ?
30	DD	»	Porto ?
31	R	»	Rato ? Viana ?
42	R	Canéca	Viana.
43	R (em relevo)	Terrina	Rato ? Viana ?
58	R	Prato	Porto. — Miragaia ?
60	FR	»	Porto.
67	R	»	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
71	R	»	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
72	R	Jarra de altar	Porto. *Rocha Soares.*
85	Porto (gravada)	Canéca	Porto.
93	V 4 (em relevo)	Terrina	Coimbra ? Cavaquinho ?
107	P	Prato	Porto.
112	LN	»	?
115	R	»	Lisboa.
123	FR TB (conjuntas)	Tampa de terrina	Rato. *Tomás Brunêto.*
128	FRNA (gravado)	Tinteiro	?
134	R	Molheira	Rato.
149	R	Prato	Porto ?
151	FR	»	Rato ?
152	R	Fruteira	Porto. *Rocha Soares.*

PEÇAS SEM MARCA

N.os	Indicação das peças	Proveniência
14	Jarra d'altar	Lisboa
20	Garrafa	Viana ?
27	Jarra d'altar	Lisboa ?

34	Jarra de altar	Lisboa
41	Terrina	Lisboa
44	Jarra de altar	Lisboa ?
50	Prato	Gaia. *Rossi.*
53	»	Coimbra
74	»	Coimbra
75	Jarra de altar	Viana
83	Garrafa	Porto (segundo J. Queiroz)
84	Boião	Viana ?
95	Jarra de altar	Porto
103	Prato	Porto. *Rocha Soares.*
106	»	Viana ?
117	Terrina	Gaia. *Rossi.*
120	Boião	Porto. *Rocha Soares.*
121	Terrina	Fábrica do Norte.
124	Galheteiro	Coimbra.
137	Bacia	Viana.
138	Gomil	Viana.

GRUPO **B** — *Depositante: A. Gonçalves*

PEÇAS MARCADAS

N.os	Marcas	Indicação das peças	Proveniência
89	V 4 (em relevo)	Terrina	Coimbra.
140	FR TB (conjuntas)	Terrina	Rato. *Tomás Brunêto.*
165	5 (gravado)	Travessa	Coimbra ?
169	V	Açucareiro	Porto. *Rocha Soares.*
186	R G	Jarra de altar	Gaia. *Rossi.*
188	R	Prato	Viana ?
202	3 V (em relevo)	Terrina	Coimbra. *Vandelli.*
205	R	Caneca	Porto. *Rocha Soares.*

213	R G	Prato	Gaia. *Rossi.*
220	R	Travessa	Rato? *Viana?*
223	R	Tinteiro	Porto. *Rocha Soares.*

PEÇAS SEM MARCA

N.os	Indicação das peças	Proveniência
68	Jarra de altar	Gaia. *Rossi?*
76	Terrina	Coimbra?
81	»	Coimbra.
88	Boião	Fabrica do Norte.
131	Caneca	Coimbra? Viana?
143	Jarra de altar	Lisboa?
157	Prato	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
168	Bule	Coimbra. *Vandelli.*
170	Jarra de altar	Gaia. *Rossi.*
173	Prato	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
175	»	Lisboa. (segundo J Queiroz)
176	»	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
177	»	Porto. *Rocha Soares? Rossi?*
178	Travessa	Gaia. *Rossi.*
180	Caneca	Coimbra.
181	Jarro	Coimbra. *Sucessores de Vandelli.*
183	Boião	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
192	»	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
195	Prato	Juncal.
196	»	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
199	»	Viana.
201	»	Coimbra.
203	»	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
204	Floreira	Fabrica do Norte.
207	Galheteiro	Fabrica do Sul.
211	Travessa	Coimbra.
214	Prato	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
215	»	Coimbra.
221	Caneca	Coimbra.

225	Pia de agua benta	Coimbra.
228	Prato	Viana ?
229	Travessa	Coimbra.
232	Caneca	Coimbra.
235	Prato	Lisboa ? (segundo J. Queiroz)

GRUPO **C** — *Depositante A. Gonçalves*

PEÇAS MARCADAS

N.os	Marcas	Indicação das peças	Proveniência
12	V	Jarra de altar	Viana.
19	R	Prato	Porto.
29	R W (em relevo)	Terrina	Cavaquinho ?
38	V	Jarra de altar	Viana.
46	R	» »	Gaia. *Rossi.*
50	P A	Travessa	Porto.
55	FR / TB (conjuntas)	Terrina	Rato. *Tomás Brunêto*
59	P	Molheira	Porto.
61	R	Jarra de altar	Gaia. *Rossi*
74	R	Prato	Rato.
77	FR	»	Porto ?
79	R	»	Porto ?
86	P A	Terrina	Porto
87	R	Molheira	Rato ?
91	R	Terrina	Porto. *Rocha Soares.*

PEÇAS SEM MARCA

N.os	Indicação das peças	Proveniência
8	Pia de agua benta	Coimbra.
14	Prato	Coimbra.
20	»	Coimbra.
22	Gomil	Coimbra.
23	Bule	Coimbra.

24	Caneca	Caminha.
25	Travessa	Coimbra ?
27	Garrafa	Coimbra.
30	Caneca	Coimbra.
31	Prato	Caminha.
32	»	Coimbra.
33	Travessa	Coimbra.
36	»	Coimbra.
39	»	Coimbra ?
40	Prato	Coimbra.
43	»	Coimbra.
44	»	Gaia. *Rossi.*
52	»	Coimbra.
56	Caneca	Viana ?
58	Travessa	Coimbra.
65	»	Coimbra.
66	Prato	Coimbra ?
67	»	Coimbra ?
68	»	Coimbra.
71	Terrina	Coimbra.
73	Prato	Caminha.
81	Galheteiro	Coimbra.
82	Chavena e pires	Viana ?
83	Terrina	Coimbra.
85	Caneca	Coimbra.
88	Terrina	Porto ?
89	Galheteiro	Coimbra.
90	Terrina	Viana. (segundo J. Queiroz)
92	Chavena e pires	Viana.

GRUPO **D** — *Depositante: A. Gonçalves*

PEÇAS MARCADAS

N.os	Marcas	Indicação das peças	Proveniência
17	R	Terrina	Porto. *Rocha Soares.*
21	V	Jarra de altar	Viana ?
22	X	» »	Extremoz ?

34	R	Travessa	Rato? Viana?
39	FR	Prato	Porto.
42	R	Boião	?
45	X	Jarra de altar	Extremoz?
53	V	» »	Viana.
61	R (em relevo)	» »	Coimbra. *Vandelli.*
64	FMB	Prato	?
67	R	»	Lisboa?
89	R	»	Rato? Viana?
90	R	»	Porto.
96	R	»	Porto. *Rocha Soares.*
98	R	Tinteiro	Porto. *Rocha Soares.*
99	R	Terrina	Rato? Viana?
100	3 V (em relevo)	»	Vandelli?
101	FR / TB (conjuntas)	Manteigueira	Rato. *Tomás Brunêto.*
103	R	Terrina	Porto. *Rocha Soares.*
104	P	Molheira e prato	Porto.
105	R	» » »	Rato? Viana?
107	R	» e tampa	Rato? Viana?
110	P	Travessa	Porto.

PEÇAS SEM MARCA

N.os	Indicação das peças	Proveniência
7	Bule	Coimbra.
11	Jarra de altar	Coimbra?
13	Terrina	Coimbra?
15	Bule	Coimbra. *Vandelli.*
20	Prato	Coimbra.
27	Caneca	Coimbra.
29	Jarra de altar	Coimbra?
41	Travessa	Coimbra?
43	Jarra de altar	Coimbra
47	Prato	Coimbra?
49	Jarra de altar	Coimbra?
55	Galheteiro	Lisboa?

58	Terrina		Coimbra?
62	Jarra de altar		Coimbra
74	Prato		Coimbra
79	Terrina		Coimbra
82	Caneca		Coimbra?
83	Jarra de altar		Lisboa?
88	Prato		Coimbra
108	Bule		Coimbra. *Vandelli.*

GRUPO **E** — *Depositante Dr. Teixeira de Carvalho*

PEÇAS MARCADAS

N.os	Marcas	Indicação das peças	Proveniência
336	R	Boião	
339	FR / TB (conjuntas)	Prato	Rato. *Tomás Brunêto.*
343	R	Jarra de altar	Fábrica do Norte?
352	R	Travessa	Rato.
354	R (em relevo)	Jarra	Coimbra. Rocio.
357	V	Prato	Viana.
368	R	Jarra de altar	Gaia?
369	R	» »	Gaia?
374	R	Prato	Porto?
375	R	»	Porto?
377	F.M.B.	»	Fábrica do Sul.
379	FR / A	Prato	Rato. *Sebastião d'Almeida.*
381	FR / SA (conjuntas)	Prato	Rato. *Sebastião d'Almeida.*
384	R	Tinteiro	
386	V	»	Viana.
389	R	Prato	Porto. *Rocha Soares.*
391	LV	»	?
393	R	Pia de agua benta	Viana?
395	LN	Prato	?

396	R	Prato	Fábrica do Sul ?
419	P	Terrina	?
430	FR	Prato	Porto.
431	PORTO	»	Porto.
432	PORTO	»	Porto.
433	FR	»	Porto.

PEÇAS SEM MARCA

N.os	Indicação das peças	Proveniência
324	Tijela	Rato.
340	Prato.	Coimbra.
341	Travessa	Juncal.
345	Prato	Coimbra ?
346	Travessa	Juncal.
347	Jarra de altar	Coimbra.
350	» »	Juncal.
353	Prato	Lisboa. (segundo J. Queiroz)
356	»	Coimbra.
358	»	Coimbra.
361	»	Juncal.
367	»	Coimbra.
373	»	Viana ?
376	Travessa	Coimbra.
420	Prato	Fábrica do Norte.
423	»	Rato.
425	Travessa	Coimbra.
434	»	Coimbra.

GRUPO **F** — *Depositante Dr. Teixeira de Carvalho*

PEÇAS MARCADAS

N.os	Marcas	Indicação das peças	Proveniência
98	FMPLXA	Prato	Lisboa.
238	FR TB (conjuntas)	Vaso	Rato. *Tomás Brunêto.*

250	R	Jarra de altar	Fábrica do Sul.
259	R	Prato	Rato.
265	B	Jarra de altar	?
272	R	Prato	Rato.
276	V	»	Viana.
280	R	Tinteiro	?
281	R	»	Porto. *Rocha Soares.*
290	R	»	?
292	R	Jarra de altar	Gaia. *Rossi.*
298	FR SA (conjuntas)	Prato	Rato. *Sebastião d'Almeida.*
299	V	»	Viana.
309	R	Fruteira	Porto. *Rocha Soares.*
323	R	Jarra de altar	Gaia. *Rossi.*

PEÇAS SEM MARCA

N.os	Indicação das peças	Proveniência
145	Jarra de altar	Viana ?
146	» »	Coimbra.
237	Fonte	Rato.
247	Boião	Coimbra ?
253	Caneca	Coimbra.
254	Bule	Coimbra.
258	Travessa	Coimbra.
261	Prato	Porto. Miragaia.
271	»	Coimbra ?
273	»	Coimbra.
291	Jarra de altar	Coimbra.
297	Prato	Coimbra.
300	»	Fábrica do Norte.
302	»	Lisboa ?
303	»	Coimbra.
312	»	Viana ?
313	»	Viana.

GRUPO **G** — *Depositante: A. Gonçalves*

PEÇAS MARCADAS

N.os	Marcas	Indicação das peças	Proveniência
8	R	Prato	Rato.
16	B.A	»	Lisboa
26	R	Travessa	Porto. *Rocha Soares.*
28	R	»	Rato.
30	R	Prato	Porto. *Rocha Soares.*
32	B	Jarra de altar	Coimbra.
35	R	Tinteiro	Porto. *Rocha Soares.*
37	R	Prato	?
64	FR / SA (conjuntas)	Travessa	Rato. *Sebastião d'Almeida.*

PEÇAS SEM MARCA

N.os	Indicação das peças	Proveniência
3	Prato	Rato.
6	»	Porto.
7	Taça	Coimbra.
10	Cafeteira	Coimbra.
12	Prato	Rato. ?
14	Cafeteira	Coimbra.
15	Prato	Coimbra.
17	»	Porto
20	Jarra de altar	Coimbra.
23	» »	Viana.
24	» »	Coimbra.
36	Travessa	Coimbra, (1810).
80	»	Coimbra, (1810).

GRUPO H — *Depositante A. Gonçalves*

PEÇAS MARCADAS

N.os	Marcas	Indicação das peças	Proveniência
5	X	Jarra de altar	Estremôz.
7	RAB	Prato	?
10	R	Travessa	Porto. *Rocha Soares.*
13	V	Jarra de altar	Fábrica do Norte.
16	R	Chavena	?
17	R	Jarra de altar	Fábrica do Sul.
36	R	» »	Porto. *Rocha Soares.*
40	R	Travessa	Rato ? Viana ?
44	R	Taça	Rato ?

PEÇAS SEM MARCA

N.os	Indicação das peças	Proveniência
3	Jarra de altar	Coimbra.
6	Prato	Rato
11	»	Coimbra.
14	Cafeteira	Coimbra.
19	Prato	Porto.
21	»	Coimbra.
22	»	Coimbra.
23	»	Coimbra.
28	Tigela	Coimbra.
32	Prato	Coimbra ?
34	»	Coimbra.
35	»	Coimbra.
39	»	Coimbra ? Viana ?
42	Travessa	Coimbra.
45	Prato	Juncal.

GRUPO DO MUSEU

PEÇAS MARCADAS

N.os	Marcas	Indicação das peças	Proveniência
48	APA	Terrina	Porto.
50	R	Jarra de altar	Rossi. Gaia.
77	MIRAGAIA PORTO	Azeitoneira	Miragaia. Porto.
82	R	Jarra de altar	Rossi. Gaia.
85	R	» »	Rossi. Gaia.

PEÇAS SEM MARCA

N.os	Indicação das peças	Proveniência
3	Vaso	
4	»	
6	»	
7	Jarra de altar	

AZULEJOS

Os quadros aqui expostos são mostruários de padrões largamente traçados de bôa côr e segura inteligência do efeito a obter.

Os três frontais VII, VIII e IX, são apreciaveis pelo género da pintura, reproduzindo o efeito da *obra de lavor*, ou tecido à moda oriental com animais, aves e plantas floridas e imaginosas, como os tecidos que no século XVI eram importados das nossas possessões

da Índia, ou lavrados pela numerosa colónia de artífices índios, que Lisboa sustentava.

Outros esclarecimentos se encontram nos verbêtes a êles ligados.

BRIOSO

Na sala VII um agrupamento se encontra que representa a justa homenagem à iniciativa do oleiro insigne Manuel da Costa Brioso, predecessor de Vandelli. Foi êle, tão iniquamente esquecido até ao presente, o verdadeiro reformador da cerâmica conimbrigense.

São dignas de elogio algumas belas peças datadas (1779 e 1781), e autênticadas com o seu nome, e outras que lhe são averbadas, porque têem o cunho caterístico da sua laboração.

A obra de Brioso demonstra a sua fecunda actividade e engenho, e quantos esforços persistentes e tenazes, para conseguir tão notaveis aperfeiçoamentos.

E não consta que fosse bafejado pelos favores e privilégios da munificência rial, que mais tarde deram auxílio e incitamento às tentativas industriais de Vandelli. Quando a verdade é que alguns dos seus artefactos sobrelevam pela fertilidade e vigor ornamental, e podem sustentar o confronto com o que de melhor se produziu no país.

Com um instante de atenção honremos a obra dêste artista, por tão largo tempo ignorado.

Depois de termos ràpidamente percorrido esta exíbição, disposta na inevitavel aglomeração de géneros

vários da faiança antiga, um influxo irresistivel de afectuosa simpatia se apodera do nosso espírito.

Em primeiro lugar, porque nos comove o carinhoso esmero, com que o humilde artista pôs todo o seu sentimento, todas as suas aptidões e saber, sôbre um frágil e quebradiço receptáculo de barro, que êle deve ter contemplado com desvanecimento, como se tivesse produzido uma obra imperecivel.

Depois porque, por um instinto humano de solidariedade, é com íntima ternura que olhamos alguns dêsses velhos e reluzentes utensílios domésticos, mudas testemunhas das máguas e das alegrias do lar, conservadas e amorosamente defendidas, como relíquias sagradas de família, através de três ou quatro gerações, no tumulto das mil contingências e agitações da vida!

SALA VIII (1.º andar)

Aqui se encontram exemplares de mobiliário civil e curiosidades, utensílios domésticos, etc. Num armário instrumentos musicais. Alguns de manufactura portuguesa: e entre êles o violoncélo, de pintura acharoada, segundo a moda da época, e com a indicação do autor, — Alexandre Moreira, — e um bandolim exe-

cutado por — Francisco José Magalhães, — em Lisboa. Do século XVIII.

Noutro armário os crucifixos, de desigual valor, que podem ser olhados como paradigmas das formas convencionais de representação, em esculturas dêste género, geralmente adoptadas e reproduzidas em larga escala.

Na parede um quadro com velhas caixas de rapé.

Dentre os pequenos cofres, destaca-se o n.º 1, que é uma graciosa e rara arqueta do século XV, em volta da qual as imaginações líricas podem devanear, enchendo-a de joias preciosas, ou com os segredos trágicos duma castelã amorosa e pálida . . .

Mais de espaço, outras coisas haveria a notar, que os rótulos esclarecem, bem como os nomes de alguns expositores.

SALAS IX, X e XI (1.º andar)

Estas salas são destinadas à estatuária religiosa, obra de talha, mobília de uso eclesiástico e liturgico, etc.

A escultura aplicada às grandes composições, retábulos e revestimentos murais, é em Portugal um dos capítulos da história da arte mais opulentos e instrutivos, e que mais podem atrair o estudo dos curiosos.

Desde os traçados arquitectónicos da clássica renascença, estáveis, ponderados e elegantes, até às au-

dácias revolucionárias e caprichosas dos meados do século XVII e parte do imediato, que prodigalidade, e pujança de fantasias decorativas se admira; que fertilidade ostentosa de invenção, embora na perturbação desnorteada de todas as normas de moderação e equilíbrio!

E daí por deante, na confusa produção de influências diversas, os artistas entalhadores manifestam sempre as qualidades vigorosas da sua aptidão tradicional.

O ouro reluzente e o brilho das côres imprime a essas obras um caráter de magnificência deslumbrante, que dá aos grandes templos a imponência dominadora dos espíritos.

Os poucos retábulos que neste museu se vêem são pequenos exemplos, mas bem caraterísticos, dessa vastíssima abundância, produto de mais de um século de intensa actividade e de recursos inesgotáveis, que a fé acumulava nos conventos e igrejas.

Em estatuária há aqui exemplares em todos os géneros, desde os princípios do século XVII. E a comparação entre uns e outros é singularmente interessante. A compreensão e córte dos panejamentos é por onde mais facilmente se podem notar as diferenciações e maneiras de execução, desde as roupagens flácidas e brandas, cingidas ou largas, em dobras arredondadas, até às prégas de quebraduras rígidas, como se fossem tecidas de fios metálicos.

No S. Miguel, subjugando Satanás ou o pecado, por exemplo, — n.º 1 (sala IX) — para dar energia ao lance, a capa do anjo é sacudida em agitações inverosímeis de procela; assim como o S. Francisco, — n.º 1

(sala X) — é uma escultura animada com a ênfase teatral da escola de Mafra. Época de D. João V. E pode assegurar-se que quase todos os números contribuem com elementos apreciaveis de elucidação, para se ajuizar da energia sentimental destas esculturas.

Os artistas portugueses, assim como os espanhois, ao serviço da igreja, só tinham em vista impressionar fortemente a sensibilidade dos crentes, ou pelo alarde retórico das atitudes, ou pela expressão angustiada dos sofrimentos. Veja-se o crucifixo, bem como o Cristo preso à coluna — n.os 17 e 10 (sala XI) — que são demonstrações flagrantes dessa preocupação. Os corpos macerados são cobertos de chagas dum realismo pungente, de equimoses, lesões traumáticas, sinais lastimosos da tortura e do martírio.

Outras vezes é a imponência dramática da dôr concentrada e dilacerante, como na Piedade, — n.º 20 (sala X) — que por fôrça háde abalar a sentimentalidade das almas simples.

A arte de pintar e dourar as imagens atingiu um alto gráu de prefeição, como pode avaliar-se dos numerosos especimens expostos. Vejam-se os ricos lavores e cercaduras e a delicada policromia da imagem da Conceição e quadros laterais, duma prodigiosa habilidade de execução. E êste esmerado gosto explica, porque *estofadores* de mérito eram tão considerados, em importância e honras, como os próprios escultores.

Há ainda a notar nestas salas: alfaias, lâmpadas e mobiliário eclesiástico.

E chama-se em especial a atenção para os dois grandes crucifixos de marfim, trabalho dum alto apreço

e dum acentuado caráter, século XVIII — n.os 4 e 8 (sala X).

A casa seguinte (sala XI) é o natural prolongamento desta.

O crucifixo em frente, — n.º 1, — pertenceu ao Colégio dos Jesuitas e era chamado — o *Cristo das Missões*.

Veja-se o S. Francisco, — n.º 11, — posto que trabalho mais moderno, bem como as pequenas e agradáveis figuras de oratório.

Já nos referimos à imagem, que fica fronteira (o n.º 10) e ao *Senhor da coluna,* sobre os quais, para afervorar a fé, foram infligidos os mais crueis flagícios.

O retábulo bipartido n.º 5, pelo acanhamento da colocação, perde muito do seu efeito; e só imaginàriamente se pode conjecturar de como no conjunto da sua integridade deveria ser um notavel trecho de ornamentação amotinada. Etc.

E, sem mais detença, entremos na seguinte sala.

SALA XII (1.º andar)

Alêm de quadros e alguns móveis, prendem a atenção os livros de côro monumentais, de fôlhas de pergaminho, que pertenceram ao mosteiro de Santa

Cruz. São notáveis as encadernações sólidamente construidas e ornadas, ou antes, blindadas de rebordos recortados, chapas historiadas e pregaria de bronze dourado.

Uma vitrine com léques de vários gôstos e idade: um dêles assinado — *Ledoux*. Pertencem a diversos particulares.

Na outra figuram exemplares de encadernações habilmente douradas a ferros, do século XVIII, que representam uma forma de arte extinta.

Não deixe de se olhar a capela contígua, onde foram recolhidas pinturas, algum mobiliário litúrgico e pequenas lâminas de devoção, algumas das quais fazem recordar com simpatia as prendas exercidas nos conventos por delicadas mãos femininas.

SALA XIII (1.º andar)

Na quadra seguinte encontram-se ainda pinturas de relativo mérito, peças de mobília e desenhos documentais da Coimbra antiga.

E chegamos finalmente ao vestíbulo norte do edifício.

VESTÍBULO (Norte)

Nada será preciso dizer, porque êle se recomenda pelo seu próprio aspecto, que conserva intacta a feição antiquada e genuina do século XVIII. Nem falta o característico lampeão, que um acaso propício repôs no seu lugar . . .

Proseguindo ao longo do corredor contíguo, encontramos quadros, muitos dos quais a mão do restaurador implacavel conspurcou grosseiramente.

No topo ergue-se o crucifixo, de correcta modelação. E' fundido em chumbo e pesa 280 quilogramas. Veiu do convento do Louriçal.

E entremos nas salas especialmente destinadas às obras de maior mérito.

SALAS XIV, XV E XVI (1.º andar)

PINTURA

Impossivel seria dar em duas palavras uma informação crítica àcêrca do valor dos quadros expostos.

Há obras de desigual categoria. E, se, como é natural, o maior número se aquilata em preço de secundária ou medíocre graduação, algumas outras há, e principalmente das que nestas salas se acham reunidas, que devem ser contempladas como irradiações brilhantes dessa expansão maravilhosa, que nos séculos XV e XVI actuou em Portugal e atingiu culminâncias geniais.

Infelizmente a maioria destas belas páginas da pintura nacional, ou nacionalizada, foi vandalizada pela acção do tempo, ou pelas sevícias de repintadores nefastos. O mal não é contudo sem remédio neste momento em que entre nós o talento dum notavel artista está operando prodígios de restauração (1).

Nestas salas estão dispostos quadros de mais apreciavel selecção, dêsse período de incomparavel superioridade; e, pelos rótulos afixados, o visitante poderá inteirar-se do valor e da estimação que merecem como produções de luminoso relêvo na série das escolas portuguesas.

Assim na sala principal ocupa lugar de distinção o quadro que representa o imperador *Heráclio com o santo lábaro* — n.º 1 e que se presume ter feito parte do retábulo da capela-mór de Santa Cruz, conjuntamente com os dois outros que aqui se encontram sob os n.ºs 2 e 3, constituindo um vasto políptico e tendo por motivo central o *Calvário* ainda conservado na sacristia da mesma igreja.

---

(1) Referência ao restaurador insigne Luciano Freire, que, para honra da nação, tem salvado e rejuvenescido muitas das mais gloriosas obras da nossa pintura antiga.

Duas destas tábuas, em estado de danificação extrema, foram portentosamente restituidas ao brilho da sua aparência primitiva.

São atribuidas ao pintor Cristovam de Figueiredo (1).

O tríptico — n.º 4, 5 e 6 — datado de 1531, evoca a denominação incógnita, ainda não individualizada, de *Fr. Carlos*, da escola de Evora.

As duas tábuas n.º 7 e 8, segundo uma opinião de autoridade, ligam-se, pelas obras de Evora, à corrente de Antuérpia, sob a rubrica artística de *Gerard David*.

O S. Pedro, — n.º 9, — que revela reconhecidas afinidades, segundo Em. Bertaux, com o seu homónimo de Tarouca, será porventura de — *Gaspar Vaz*.

A Coroação da Virgem, — n.º 10, — é notada como súmula de qualidades comuns a pintores portugueses: — *transparente e aerea* — no dizer de Dieulafoi.

E o pequeno quadro — *Descimento da Cruz*. — n.º 11, — diz o mesmo autor: — « *se não foi pintado em Venesa, afirma um talento bem especial* ».

Sob o seu aspecto arcaico, é possivel que os n.os 12, 13, 14 e 15, que não foram ainda devidamente ponderados, venham a ser reputados como testemunhos de valia.

O retábulo dos seis quadros, n.os 16 a 21, depois de purificados dos insultos com que mãos sacrílegas os conspurcaram, seriam outros tantos documentos pre-

(1) Este artista, na opinião de Em. Bertaux, é o antigo *Mestre do Paraiso*; segundo o sr. José de Figueiredo — é o antigo *Mestre de S. Bento*.

ciosos, para a identificação, na ordem cronológica, da actividade e influência dos precursores da pintura portuguesa no reinado de D. Manuel.

Mas, alêm de todas estas raras obras, que por élos históricos devem ser ligadas, — um quadro se destaca abruptamente, despertando estranhos indícios de intuitivas e vagas revelações florentinas. E' a — *Assunção da Virgem,* — n.º 22.

Por emquanto um véu de mistério a envolve; mas o futuro dirá que imprevistos depoimentos se podem conter nesta singular pintura.

Por todas as salas muitas outras tábuas e télas se encontram.

Remetemos o leitor para as lacónicas indicações, que as etiquetas fornecem, o que bastará a contentar a curiosidade do momento.

Nas salas próximas são expostos alguns quadros e medíocres retratos, que só valem pelas personagens que representam. Mais uma vez o visitante recorrerá aos esclarecimentos afixados. Lance-se uma vista de olhos pelos baús tauxeados em arabescos de fertil desenho.

SALA XVII

Finalmente contemplem-se os belos especímes de tecidos e brocados, que dentro em breve constituirão uma colecção preciosa, e alguns dos quais são duma extrema variedade de alto preço.

Leiam-se os esclarecimentos afixados que inculcam os tipos que caracterizam cada época.

Eis-nos chegados ao têrmo desta acelerada travessia, em que decerto a sensibilidade do visitante terá experimentado o dôce prazer que nos causa a muda voz das cousas que falam ao nosso espirito...

Agora temos que retroceder.

E ao atravessar a esbelta galeria, como último mimo desta peregrinação artística, lance o leitor benigno a vista por essa dilatada e deliciosa paisagem dos *saudosos campos do Mondego,* e recolha no íntimo da sua alma a impressão perduravel dum dos mais *belos pontos de vista de Portugal,* que assim o afirma um estranjeiro ilustre, historiógrafo da nossa Renascença.

E eis-nos de novo no vestíbulo. E descendo a escadaria, atravessemos o largo terreiro.

SALA XVIII (Rés-do-chão — Norte)

As cinco grandes estátuas de calcáreo, n.^{os} 1 a 6, representam a Justiça, o Direito Canónico, a Teologia, o Direito Romano e a Medicina; a mais pequena a Matemática.

São esculturas alardeantes, executadas em 1702, e estavam colocadas por cima das cátedras das aulas universitárias.

No grande armário veja-se uma colecção de pêsos e medidas de bronze, do reinado de D. Manuel e de D. Sebastião.

E outra colecção completa de medidas de bronze dourado, para líquidos e balança, de 1819, marcados com as armas reais de D. João VI.

Mostruários de espelhos metálicos de móveis, fechaduras e ferragens antigas.

Nos espelhos é curioso de verificar como as formas elementares e simples se vão gradualmente modificando, dando lugar a configurações novas, sob a influência dos estilos predominantes. E é de concluir como essa influência se patenteia, na arte industrial, em cousas aparentemente mínimas.

Em ferro forjado: balaústres de gradeamento e suportes, etc.

Atente-se na pilastra belamente lavrada, do século XVI, provavelmente trabalho espanhol.

E nos colunélos torcidos, da mesma época, que são consideraveis pelo vigor do trabalho, como se fossem torcidos pelo pulso dum ciclope.

E neste género muitos artefactos estão à vista, que por si mesmo se inculcam, e pequenos objectos de curiosidade histórica que aqui permanecerão até que sejam dispostos em secção própria.

E aqui finda esta fugaz excursão.

Apressadamente temos apontado o que mais importa conhecer de relance, deixando de parte multiplicidade dispersa de objectos de significação, interesse e raridade, obedecendo, com inalteravel fidelidade, ao programa prèviamente gisado.

VALE

Fotografias da Fot. Conimbricense de José Maria dos Santos (Coimbra).

Gravuras de Marques Abreu; estampagem de Sequeira & C.ta (Porto).

Composição e impressão do texto, da Tip. Aux. de Escrit. (Coimbra).

91-B6683

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 4436